



Percepções de uma trajetória pelas frestas do passado

Fátima Palmeira Bombarda*

Aposentei-me em novembro de 2022, após 37 anos de trabalho: alguns poucos na Secretaria de Estado da Educação (SEE-SP) e o restante na Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES-SP). Foram muitas alegrias e realizações, muitos aprendizados e, também, muitas frustrações.

A minha vida profissional se confundia, o tempo todo, com minha vida pessoal. Sempre valorizei muito meu trabalho e, então, era fácil largar os compromissos pessoais para me dedicar aos compromissos profissionais.

Em se tratando da Secretaria da Saúde, trabalhei numa única instituição, mas ela foi se mostrando diversa para mim. A conjuntura econômica e política do país e de nosso estado ia dando cores para ela. Ora mais bonitas e favoráveis ao desenvolvimento de nosso trabalho; ora mais pesadas e penosas, impondo novas dificuldades ao já tão difícil caminhar no setor público de saúde.

Tive a felicidade de começar na carreira como enfermeira, pelo lugar que julgo certo: a atenção primária, porta preferencial do Sistema Único de Saúde. E comecei

em periferia, o que é um aprendizado à parte. Não sabia ler o contexto social, mas fui tateando e incorporando saberes que explicavam demandas e eventos que não estavam escritos nos livros. Era vivência “na veia”.

Mas eu gostava muito daquela dinâmica. Sempre correndo atrás de atender alguém que trazia queixas. Nem sempre legítimas, do ponto de vista médico, porém carregadas de subjetividades e necessidades que não se catalogavam nos registros da recepção do centro de saúde (nomenclatura da época). A demanda era grande, havia poucos funcionários e muitas criança. Era um período pré-SUS. A principal atividade era aumentar o número de vacinados, buscar faltosos dos tratamentos de tuberculose e atender gestantes. Tínhamos ainda as campanhas de vacinação, ao menos duas vezes por ano, aos sábados, o que virava uma verdadeira festa cívica. Graças a esse movimento tivemos grandes conquistas nas coberturas vacinais.

Não sabia que era ambiciosa, mas queria muito mais para mim. Sabia que tudo aquilo era muito pouco. Sonhava com um horizonte maior... Então, passados três anos, após a realização de um curso oferecido pelo Ministério da Saúde, fui convidada a trabalhar com prevenção dos cânceres ginecológico e mamário. Foi meu primeiro movimento na construção de minha trajetória profissional. Fui para uma instituição com atuação em todo território paulista e inaugurei minhas andanças pelo estado. Ao longo do caminho, também conheci pessoas de vários estados do Brasil e de fora do país.

Muitas coisas aconteciam naquele tempo. Eu me casei, a Constituição Federal foi promulgada, nasceu o SUS, começou todo um reordenamento federativo com

* Graduação em enfermagem e obstetrícia pela Faculdade de Ciências da Saúde Farias Brito (1983); especialização em saúde pública pelo Centro São Camilo de Desenvolvimento – CSDAS (1987); direito sanitário pela Faculdade de Saúde Pública da USP (2003); mestrado em saúde coletiva pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo-FCMSCSP (2008); especialização em educação médica com ênfase em metodologias ativas de ensino aprendizagem pelo Centro Universitário Max Planck (2022) e especialização em psicanálise pelo centro de estudos psicanalíticos-CEP (2022). Coordenou a área de planejamento e avaliação da Coordenadoria de Regiões de Saúde (CRS/SES-SP) até 2014. Exerceu o cargo de gerente técnico de redes, de 2014 a 2021, no projeto “Fortalecimento da gestão estadual da saúde”, cofinanciado pelo BID, principalmente como foco na implementação da organização de Redes de Atenção em Saúde (RAS) de cinco regiões de saúde do estado de São Paulo. Atualmente exerce a função de professora/facilitadora no curso de graduação em medicina na Faculdade de Medicina de Jaguariúna – SP.

impacto direto na gestão da saúde pública e no jeito de trabalhar. Os municípios tomavam vida.

Naquele novo local de trabalho, viajei por várias regiões de São Paulo e conheci muita gente comprometida com a saúde pública. Capacitei muitas colegas da enfermagem na prevenção do câncer ginecológico. Comecei a desvendar o universo feminino na perspectiva daquelas mulheres que buscavam o exame preventivo, repletas de medos, de vergonha, constrangidas. Conheci o significado da feminilidade na representação das mamas. Para as mastectomizadas, quanta urgência em colocar uma prótese mamária, ainda que de alpiste, sob a roupa, num esforço para esconder o corpo mutilado, pouco compreendido e aceito por seus companheiros e pela sociedade.

Foi nesse período que aprofundi meus estudos sobre a prevenção dos cânceres de colo de útero, de mama, de pele e de boca. Estreitei o espectro de ação e ganhei em profundidade de conhecimentos.

Percebi o quão difícil é aumentar a cobertura populacional – no caso, o preventivo de câncer de colo de útero. Tínhamos todo um grupo técnico especializado no tema e focado em implantar o serviço nos municípios, na expectativa de ampliar a cobertura. Mesmo assim, os resultados eram singelos. Entendemos que não bastava conhecimento técnico ou infraestrutura disponível. Era preciso que as mulheres se dispusessem a realizar os exames. Aí apareciam os aspectos culturais, calcados em crenças e valores, que funcionavam como verdadeiras barreiras, dificultando nossa luta para alterar os perfis epidemiológicos vigentes.

Outra barreira surgia no próprio bojo dos serviços. Os profissionais médicos não reconheciam a competência técnica dos enfermeiros para realizar esse exame e, por vezes, impediam sua implantação nos serviços municipais. De outra parte, não havia recursos laboratoriais em quantidade e qualidade suficientes para atender ao aumento de demanda que estávamos provocando. Foi preciso iniciar um treinamento para profissionais denominados à época de “citotécnicos” ou “técnicos em citopatologia”. Essa batalha foi continuada por mui-

tos que nos sucederam nessa instituição e eu, após a mudança de governo, segui rumo à sede da SES-SP, para atuar na Coordenação Estadual da Saúde da Mulher.

Naquele mesmo período engravidei e pude compartilhar minha gestação com profissionais que militavam no campo da saúde da mulher, fato que foi inspirador para mim. Uma amiga ginecologista me presenteou com um livro com a seguinte dedicatória: “Pé de galinha não mata pinto” – frase de que nunca me esqueci. Dava-me uma certa tranquilidade quando me via sem saber o que fazer com o bebê, talvez a maioria do tempo. Muito embora eu tivesse formação em saúde, ao ter um filho se inaugura em nós uma pessoa que não sabíamos que existia. Nasce uma mulher, uma mãe, uma nova companheira, cheia de dúvidas e incertezas, com sentimentos de incompetência gigantes. Se no trabalho eu tirava de letra os desafios, na maternidade deveria ter sido reprovada, ou pelo menos suspensa.

Foram cinco meses em casa, quatro de licença maternidade e um de férias, e eu estava sedenta por voltar a trabalhar. Acho que minha vontade mesmo era de reaver o domínio sobre a minha vida. Sim, porque desde que meu filho nasceu, algo em mim foi ficando sem rumo, a ponto de eu ficar tonta dentro de casa. Estava longe do trabalho que funcionava como meu esteio e havia perdido minha identidade de mulher independente, sem filhos, sem horários. Não entendia que uma nova identidade estava se formando.

Alguns dilemas começavam a povoar minha cabeça. Onde deixar meu filho? Quem vai cuidar dele? Não queria deixá-lo, mas queria voltar para meu mundo. Sentia falta de minha rotina, de meus compromissos, viagens, reuniões – tudo de repente se transformava em elementos vitais para eu continuar sendo quem eu era. Se tivesse feito uma terapia, teria saído mais barato... Provavelmente muitas mulheres passam por esses conflitos. E hoje vejo que as mulheres jovens, com carreiras promissoras, adiam e até decidem não ter filhos porque anteveem a dificuldade de lidar com a situação.

O amor que nasce com o filho, porém, só cresce. E isso faz a confusão ir aumentando. Entendo também

1 CNCT – Catálogo Nacional de Cursos Técnicos – Ministério da Educação / Resolução CNE/CEB nº 2, de 15/12/20, acesso pelo link: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-2-de-15-de-dezembro-de-2020-294347656>

mulheres que largam tudo para criar seus filhos. A cada momento difícil no trabalho, uma decepção ou contrariedades, lá vinha o desejo de largar tudo e voltar para casa. Mas, superados os desafios, retomava o gosto pela profissão e seguia o baile.

De todo modo, o trabalho sempre me preencheu muito. Reconhecia que ao realizar meu trabalho com responsabilidade, eu estava ajudando a construir um sistema público digno, de qualidade, para toda a população. E isso sempre me encorajava a continuar minha luta diária.

Por outro lado, a maternidade também me preencheu muito. Meu filho foi crescendo, se tornando um menino inteligente, autônomo e eu sentia muita falta dele. Procurava aproveitar todos os momentos que passava com ele – que, para mim, nunca pareciam suficientes. Quando viajava, sempre trazia algo do local que visitava. Era um jeito de demonstrar-lhe o quanto o amava. Não percebi que eu estava em construção e transformação constante, a partir dos movimentos da maternidade e da profissão.

Naquela época, eu era assistente técnica e fui migrando para outras áreas até chegar ao planejamento, área em que passei o maior tempo de toda a minha trajetória na SES-SP. Foi também a área com que mais me identifiquei depois de me afastar da assistência direta. O planejamento na área pública era, sem dúvida, semelhante a cavar um túnel na areia. Não me refiro aqui às peças orçamentárias que, por serem obrigatórias, são construídas e aprovadas conforme a legislação (ainda que sua execução às vezes seja insuficiente). Falo de planejamento da assistência à saúde, com cenários complexos, poucos recursos financeiros, interesses viesados, parâmetros de necessidades falhos e pouca tecnologia envolvida nos processos de trabalho. Esse planejamento era desgastante, porque desprovido de possibilidades reais de acontecer; significava um enorme esforço intelectual e braçal, para se esvaziar em revisões, abandonos na prática e troca de projetos por algo imediato.

Fazíamos muitos cursos, tentativas de nos aperfeiçoarmos no desenvolvimento do trabalho. E isso devo deixar bem registrado: fiz ótimos cursos patrocinados

pela SES-SP, inclusive o mestrado em saúde coletiva. Entretanto, na hora da aplicação do conhecimento, nem sempre havia ressonância dentro da casa. Demandas nos atravessavam e tudo se perdia. No fundo sempre pareceu que não fazíamos planejamento, porque ele nunca aparecia. Devo dizer que, quando se está vivendo a situação, é difícil ter clareza do quanto somos desviados de nossos objetivos para atender as demandas de ocasião – algumas legítimas, diga-se de passagem. Fato é que os resultados não se mostram compensadores e nos perdemos nas rotinas, que mais parecem teias de aranha a nos prender em questões secundárias, e o que é estruturante não conseguimos implantar.

Na vida pessoal e familiar, ao contrário, é importante dedicar tempo à demanda do momento. A vida passa e as crianças crescem, deixam de ser crianças. Um olhar atento às mudanças pelas quais um filho passa faz muita diferença no resultado. Tentei, não sei o quanto consegui. Quando se cria um filho para ser independente, ele pode ficar tão independente que a gente perde um pouco o contorno. Será mesmo que ele está bem? Pergunta que sempre rondou minha cabeça.

Mas, dentro do planejamento, participei de inúmeras iniciativas na direção de aperfeiçoar o SUS. Entre elas, as mais significativas foram a de revisitar o desenho da regionalização, a programação pactuada e integrada (PPI) e a regulação da atenção. Aqueles foram movimentos intensos, tensos, compartilhados com profissionais de muita competência, representantes dos municípios, além dos amigos dedicados dos Departamentos Regionais de Saúde (DRS). Cada tópico citado daria um livro de recordações e histórias vividas. Passados bons anos no planejamento, tive a honra de participar da execução de um projeto de investimentos, cofinanciado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em cinco regiões de saúde, com equipe técnica e coordenação, igualmente competente e qualificada, que muito me orgulhou.

Foi uma experiência de intensa produção técnica, vibrante e desafiadora. Deixamos prédios instalados pelos municípios, obras escritas, vivências compartilhadas e muito apreço e agradecimento a todos que nos permitiram as intervenções. Obrigada SES-SP. Obrigada SUS.

Enfim, fazendo esta retrospectiva, vejo claramente a inclinação e a paixão que tive pelo meu trabalho. Não sei se fiz o certo, mas sei que fui feliz. Guardo ótimas lembranças e muitos amigos espalhados pelo estado. E tenho vontade de continuar escrevendo minha história, porque a partir dela, me reencontro e resgato minha identidade.

Quanto a meu filho, poderia escrever diversos livros. Sei dizer que tenho muito orgulho e paixão por ele. Hoje um homem, um pouquinho mais jovem que o SUS, conquistando seu espaço profissional, muito competente, corajoso, autêntico. Aprendi com ele a ser forte, a não temer os desafios, a ser criativa, ousada e muito mais. Obrigada, filho!